

LITERATURA REGIONAL, IDENTIDADE E CULTURA: UM DIÁLOGO ENTRE A GENTE DE BELÉM “DE OUTRORA” E DE “ABAETÉ DO TOCANTINS”

José Ivanilson da Luz Rodrigues (Doutorando em História pela UFPA)

Lais Lauane Gaia Veras (Graduanda em Letras pela UEPA)

RESUMO

O presente trabalho ocupa-se da literatura regional como forma de empreender uma investigação que demonstre os traços culturais locais presentes nos textos escolhidos: “Mastros votivos de outrora” (in *Gostosa Belém De Outrora* - De Campos Ribeiro) e “O arraial” (in *Mater Puríssima: Histórias da Festa De Conceição em Abaeté do Tocantins* - Jorge Machado). Para tanto, recorreremos as premissas de BORGES (2010), para quem a literatura apresenta-se como uma fecunda fonte de pesquisa quanto à compreensão das sociedades de cada época, pois no mais das vezes, revela os construtos socioculturais daquela sociedade, e ainda, a forma como o autor lê o seu tempo, e, CARVALHAL (2006), quanto à importância dos estudos literários comparados como metodologia de pesquisa, de forma a inferir semelhanças, reminiscências e diferenças entre sociedades e épocas. Nossa pesquisa permitiu a identificação de traços culturais materiais e imateriais coexistindo nos textos analisados, similitudes e diferenças entre os locais e épocas, quanto aos aspectos concernentes às crenças e a religiosidade da Belém das décadas iniciais do século XX, e da Abaetetuba do alvorecer do século XXI.

Palavras-Chave: Literatura Regional. História. Cultura. Literatura Comparada.

ABSTRACT

The present work deals with the regional literature as a way of undertaking an investigation that demonstrates the local cultural traits present in the chosen texts: *MAST VOTIVOS FROM ERSTWHILE* (Delicious Belém from Erstwhile - De Campos Ribeiro) and *THE ARRAIAL* (Mater Very Pure: Stories of the Party De Conceição in Abaeté do Tocantins - Jorge Machado). In order to do so, we use the premises of BORGES (2010), for whom literature presents itself as a fruitful source of research regarding the understanding of the societies of each epoch, since it more often reveals the sociocultural constructs of that society, the way the author reads his time, and, CARVALHAL (2006), on the importance of comparative literary studies as a research methodology, in order to infer similarities, reminiscences and differences between societies and epochs. Our research allowed the identification of material and immaterial cultural traits coexisting in the analyzed texts, similarities and differences between the sites and epochs, as to the aspects concerning the Belém beliefs and religiosity of the early decades of the twentieth century, and the Abaetetuba of the dawn of the century XXI.

Keywords: Regional Literature; History; Culture; Comparative Literature.

INTRODUÇÃO

A produção do presente trabalho constitui-se em um esforço de cunho interdisciplinar como forma de apresentar condicionamentos próprios da cultura material e imaterial¹ das sociedades retratadas nas obras analisadas, concernentes às crenças e religiosidade das cidades de: Belém e Abaetetuba, ambas no estado do Pará. Desta forma, nos empenhamos em analisar duas obras literárias: *Gostosa Belém de Outrora* (De Campos Ribeiro) e *Mater Puríssima* (Jorge Machado) à luz de uma literatura comparada.

Nossa pesquisa inclinou-se à atmosfera circundante às crenças e religiosidade, pois ambas conformam-se importantes traços culturais do povo paraense, sobretudo no que concerne aos festejos do Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém. No entanto, nos pareceu mais fecundo adentrar sobre outras manifestações da religiosidade do povo paraense, presentes nas páginas desta “literatura marginal”, pois nos textos dos dois contos analisados, encontramos menção, principalmente: A Festa do Divino e as crenças e ritos alusivos ao Círio de Nossa Senhora da Conceição em Abaetetuba. Como religiosidade tomamos as premissa de que, esta seria: “a manifestação da experiência religiosa, da experiência da transcendência, feita por pessoas e grupos e expressa nas suas diversas formas individuais e culturais (orações, crenças, festas, celebrações, símbolos, ritos, rituais etc.)”²

Como fundamentação às análises aqui suscitadas adotamos as premissas de CARVALHAL (2006) quanto ao recurso à literatura comparada e diversas análises permitidas por este campo de estudo. BORGES (2010), acerca do uso da literatura como fonte de pesquisa sobre a cultura produzida e vivenciada pela sociedade da época descrita, e

¹ Segundo o IPHAN (2009), “o patrimônio material é formado por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza: arqueológica, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis – núcleos urbanos; sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais – e móveis – coleções arqueológicas; acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos”; “o patrimônio imaterial estão relacionados aos saberes, às habilidades, às crenças, às práticas, ao de ser das pessoas. Desta forma, podem ser considerados bens imateriais: conhecimentos enraizados no cotidiano das comunidades; manifestações literárias; musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; rituais e festas que marcam a vivencia coletiva da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social, além de mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais”.

²(OLIVEIRA, disponível em:

https://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&rcct=j&url=http://www.ucb.br/sites/000/14/PDF/antropologiaadareligiao.pdf&ved=2ahUKEwjz8vKox_rYAhWFjpAKHR9pAi0QFjABegQIBxAB&usq=AOvVaw31UyPx3F9xSnjJgbYYumXe)

[289] GARRAFA. Vol. 16, n. 46, Outubro-Dezembro 2018. “Literatura regional..”, p. 287 - 306. ISSN 18092586

ainda, QUEIROZ & PRESSLER (2016) para quem existe uma literatura regional “marginal”, que ainda é negligenciada nas análises, que no mais das vezes, privilegia a produção literária dos grandes “centros acadêmicos”, centros políticos e econômicos.

Como forma de apresentar os traços culturais de ambas as cidades, selecionamos dois contos insertos nas obras dos autores citados, respectivamente: “Mastros votivos de outrora” e “O arraial”, o foco de nossas análises recaiu sobre as crenças e religiosidade existentes nas sociedades e épocas descritas nos textos. Estabelecer análises comparativas acerca de duas épocas e sociedades diferentes, de uma mesma região, mas de duas realidades eivadas de especificidades: cidade e campo, nos pareceu um desafio convidativo a um diálogo: História e Literatura, como nos esforçaremos em demonstrar nas páginas que se seguem.

LITERATURA, TEMPO E SOCIEDADE: UMA NOTA INTRODUTÓRIA

No avançar dos decênios finais do século XX, e ainda, no poente do XXI, cada vez mais a literatura tem servido como fonte de pesquisa dentro das humanidades, por apresentar traços materiais e imateriais experienciados pela sociedade da época retratada, e mesmo, do autor que transcreve a obra, pois segundo BORGES (2010):

A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir... Enquanto tal é registro e leitura, interpretação, do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico (BORGES, 2010, p. 98).

As premissas enunciadas no excerto demonstram que a leitura atenta das obras literárias permite a entrada no construto sociocultural da sociedade, seus monumentos, modos de ser, seus simbolismos no fazer e representar os lugares e as coisas, já que: “a literatura, seja ela expressa nos gêneros crônica, conto ou romance, apresenta-se como uma configuração poética do real, que também agrega o imaginado, impondo-se como uma

categoria de fonte especial para a história cultural de uma sociedade” (BORGES, 2010, p. 108). A riqueza da produção literária e o seu alcance analítico nos despertou para a aproximação de dois campos de estudos promissores quanto ao estudo das sociedades em diferentes épocas: a literatura comparada e a literatura regional. A literatura comparada oferece um amplo espectro de possibilidades metodológicas, pois segundo CARVALHAL (2006)

(...) quando começamos a tomar contato com trabalhos classificados como "estudos literários comparados", percebemos que essa denominação acaba por rotular investigações bem variadas, que adotam diferentes metodologias e que, pela diversificação dos objetos de análise, concedem a literatura comparada um vasto campo de atuação (CARVALHAL, 2006, p. 5).

Juntamente ao empenho na produção de “estudos literários comparados”, emerge uma demanda quanto à pesquisa em busca de produções literárias excluídas, ou mesmo de uma “literatura produzida à margem”, pois

No caso da literatura produzida à margem das grandes capitais culturais brasileiras a sua recepção costuma ser tendenciosa, e na maioria das vezes, excludente. O que se chama de “história da literatura brasileira” é somente uma redução que interessa evidenciar alguns centros culturais e os estudiosos que ali residem (QUEIROZ & PRESSLER, 2016, p. 809).

Assim, a literatura confeccionada fora dessas “grandes capitais culturais brasileiras”, como a produzida na Amazônia, emerge como um fértil terreno de pesquisa acerca, da estética, história, memória, religiosidade, saberes, tradições, etc. Eivados deste aporte teórico, nos empenhamos em empreender um estudo de literatura comparada inter-regional acerca da produção literária paraense, referentes a períodos distantes no tempo e de microrregiões distintas: a Belém das décadas iniciais do século XX e a Abaetetuba do século XXI. Temos aqui, duas microrregiões, que hoje são conhecidas como: a primeira, Região Metropolitana; a segunda, Região do Baixo Tocantins. As obras apresentam temáticas variadas quanto às possibilidades analíticas, daí que suscitamos a importância em considerar o que os *Annales* enunciaram como *história-problema*: “os documentos e os testemunhos só falam quando sabemos interroga-los” (BLOCH, 2001, p. 27), indicando, *grosso modo*, que a

fontes, no caso as obras literárias, oferecem uma miscelânea de respostas, na medida em que são indagadas, assim parece pertinente a assertiva de que

Se a literatura, como outros monumentos e arquivos humanos, guarda as questões de um tempo e as marcas de um povo e de um lugar, lidar com tais fontes requer a construção de instrumentos afinados capazes de lançar luz àquilo que traz em seu bojo. (BORGES, 2010, p. 107).

Desta forma, as obras objeto de análise: *Gostosa Belém de Outrora*, de De Campos Ribeiro e *Mater Puríssima: histórias da Festa de Conceição em Abaeté do Tocantins*, de Jorge Machado. Considerando a amplitude de temáticas abordadas nas obras, nos esforçamos em apresentar traços culturais próprios de uma cultura imaterial, os ritos concernentes ao sagrado, à religiosidade vivenciada nas respectivas sociedades, sem com isso fragmentar essa abordagem dos aspectos culturais materiais.

As obras supracitadas primam pela pintura de um quadro por demais rebuscado e fiel, das vivências experienciadas por quem circulava pela paisagem urbana da capital paraense nas décadas primeiras do século XX, e, um compósito de traços definidores das formas peculiares da gente de Abaetetuba, de dialogar o seu dia da dia, e ainda, seus festejos religiosos, uma tradição viva pelos idos dos anos 2000. Nos escritos de De Campos Ribeiro e Jorge Machado, nos-é possível constatar que

As representações do mundo social, de uma realidade, tanto objetiva quanto subjetiva, de um tempo e lugar, resultam do entrecruzamento de aspectos individuais e coletivos. O literato não cria nada a partir do nada. Não se faz literatura sem contato com a sociedade, a cultura e a história (BARROS, 2010, p. 183).

As representações do social, do vivido e revisitado nos escritos dos dois autores, depois de uma olhada pelas “frestas dos textos”, acabam transparecendo traços culturais locais sim, mas de forma alguma fragmentados ou divorciados do macro construto no qual se conforma as formas culturais e tradicionais da gente paraense, tem-se peculiaridades, que se demonstram muito mais como um compósito nesta teia de representações das crenças e da religiosidade, da cultura desta gente, como nos esforçaremos em apresentar na “visitação” a dois contos presentes nas obras, aqui já citadas.

SOCIEDADE E CULTURA LOCAL: AS OBRAS E O SEU TEMPO

Debruçar-se sobre duas obras de literatura regional distantes no tempo e espaço, parece um desafio com um ponto de início: a contextualização da sociedade retratada nas páginas daqueles livros, considerando o filtro do olhar de seus respectivos autores:

Assim, contextualizar o texto com o qual se trabalha é indispensável para elucidar o lugar em que foi produzido, seu estilo, sua linguagem, a história do autor, a sociedade que envolve e penetra o escritor e seu texto. A época, a sociedade, o ambiente social e cultural, as instituições, os campos sociais, as redes que estabelece com outros textos, as regras de uma determinada prática discursiva ou literária, as características do gênero de escrita que se inscreve no texto, são questões que permeiam o texto escrito e constroem o autor de um texto, deixando nele suas marcas (BARROS, 2004, p. 137-8).

A sentença é fomentadora à apresentação histórica das sociedades e épocas comparadas nas crônicas citadas. Iniciemos por *Gostosa Belém de Outrora* de De Campos Ribeiro. O livro fora publicado primeiramente em 1966, reunindo diversas crônicas que retratam o cotidiano, os lugares, hábitos, festejos e celebrações da Belém das décadas iniciais do século XX, um livro de memórias, de passagens por demais realistas, bem características das “efemérides do modernismo” no Pará, pois este fora um dos grandes nomes de tal experiência literária pelas terras paraúaras (FIGUEIREDO, 2008, p. 166).

De Campos Ribeiro congregava uma associação de vanguarda a *Associação dos Novos*, criada em 1921, antecessora de um novo magazine: a revista *Belém Nova*, lançada somente em 1923, que reverberara uma “avalanche” de inovações no campo das Artes, o modernismo. Os modernistas paraense nos anos iniciais do decênio de 1920, encontraram inspiração nos festejos alusivos ao centenário de dois eventos interligados, mas com memórias diferentes quanto aos locais de ocorrência: a *Independência* e a *Adesão*: a primeira mais geral, mas que no fundo conformava-se em um apelo patriótico do sudeste do país; a segunda, instigante ao “novos” paraenses por despertar seu interesse na produção de uma arte brasileira, e na mesma medida, sob a égide das inovações, os modernistas paraenses inclinaram-se à apologia ao regional, pois

Independência e adesão, bem entendido, fazem parte de um mesmo jogo político no interior das genealogias intelectuais. Era necessário aderir ao grito de renovação, mas, ao mesmo tempo, tornava-se fundamental manter a independência da hegemonia sulista. Na década de 1920, as ideias de bairrismo, regionalismo e nacionalismo ganharam uma politização conceitual nunca vista por essas bandas (FIGUEIREDO, 2008, p. 170).

Com o avançar das décadas, as produções foram delineando traços culturais que demandavam um maior alcance, para além daquele discurso nacionalista ou regionalista de outrora, os textos de De Campos Ribeiro, acompanhando seus pares modernistas, transpunham as páginas da Revista *Belém Nova*, sendo publicados em livros e artigos de jornais de circulação regional.

Ingressou no jornalismo em 1921, aos vinte anos, e trabalhou em *A Província do Pará*, *Folha do Norte*, *Correio do Pará* e *O Estado do Pará* jornais onde divulgava suas produções literárias. Membro da Academia Paraense de Letras, o “velho” De Campos Ribeiro, como o chamavam, foi poeta, contista, cronista, memorialista e folclorista, destacando-se em todas estas categorias literárias... Autor de vários livros de poesia, reuniu De Campos Ribeiro sua prosa, em um volume, com crônicas memorialísticas, a que chamou *Gostosa Belém de Outrora*³.

Gostosa Belém de Outrora constitui-se numa coletânea de crônicas compostas por décadas sob a inspiração instigada por àquela “clã” dos “novos” paraenses, um livro de memórias, mudanças e reminiscências do vivido pelos que respiravam os ares do apogeu e decadência do fausto proporcionado pela economia gomífera, pelo crescimento populacional, tradições e invenções de tradições encenadas da realidade daquelas primeiras décadas do século XX, na capital paraense. Àquela demanda pelo o que à época chamou-se de regionalismo, por aproximar a produção artística, literária do que se experienciava pelas terras amazônicas, parauaras, relegou uma importante herança à posteridade literária, como se nota no alvorecer do século XXI, em *Mater Puríssima*, texto rico em saberes, tradições vivencias da gente habitante ou em trânsito social pelas bandas do Baixo Tocantins, pelos lados de Abaetetuba, Pará.

³ Texto Digital: disponível em: <acervodagraphia.wordpress.com/category/jose-sampaio-de-campos-ribeiro>. [294] GARRAFA. Vol. 16, n. 46, Outubro-Dezembro 2018. “Literatura regional.”, p. 287 - 306. ISSN 18092586

Desde os decênios finais do século XX ao poente do XXI, Jorge Machado tem se esforçado em catalogar o folclore, as tradições, as lendas, linguagem e variações linguísticas, os espaços materiais e simbólicos, o encontro de uma “trilogia de territorialidades”: estrada, núcleo urbano (cidade) e ilhas (sítio); uma miscelânea de aspectos definidores de “Abaeté do Tocantins”, o município de Abaetetuba. Sua produção inicial reverberou-se timidamente por uma divulgação própria, sendo impressa por sua própria gráfica; a obra que analisaremos ganhou maior envergadura e publicidade em 2012, com o 1º lugar auferido no Prêmio de Literatura *Dalcídio Jurandir*, organizado pela Fundação Cultural do Pará: Tancredo Neves (FCPTN).

Mater Puríssima se constitui no sexto livro publicado pelo autor, mais que um livro de “ficção histórica”, carregado de realismo e experiências de um povo, se constitui em uma coletânea de contos baseados na memória, onde o autor é expectador e ator de muito dos hábitos e traços culturais evidenciados em seu texto. Nos contos aqui elencados, navega-se por tradições e invenções de tradições assentadas na história e memória da cidade, de seu povo, vivas no avançar das décadas iniciais do século XXI.

A leitura completa das duas obras supracitadas permitem uma enriquecedora viagem no tempo, um diálogo passado e presente possíveis acerca de temáticas diversas, por agora, promoveremos uma breve “fratura literária” em ambas, e nos deteremos na atmosfera circundante às creças e religiosidade das sociedades e épocas testemunhadas nos livros, em dois contos em específicos, insertos nas obras: “Mastros Votivos de Outrora” e “O Arraial”.

UMA MISCELÂNEA DE EMOÇÕES: RITOS E CRENÇAS

Em “Mastros votivos de outrora”, De Campos Ribeiro em uma singela memória revisitada nos convida a observar pelas frestas das janelas de seu olhar, a atmosfera ritualística e simbólica circundantes ao sagrado, à religiosidade simbolicamente presente nas celebrações de devoção ao Divino da capital paraense, ainda nos primeiros decênios do século XX.

O autor demonstra como esses cortejos conformavam-se num rito coletivo, que ganhava as ruas de bairros tradicionais de Belém, como a Cidade Velha e o Umarizal, e ainda, a Vila do Pinheiro, hoje, Distrito de Icoaraci, aspectos próprios de uma cultura que fisicamente, simbolicamente, imaterialmente davam vida as ruas da cidade

Aos ombros de quatro mestiças meninas, um andorzinho catita franjado em papel crepom, com fitas pendentes, conduz a Coroa do Divino, obra, isso sim, da antiga ourivesaria portuguesa, por aqui rolando seus dois bem puxados séculos, herança talvez de mucama ou pagem de alguma “Casa Grande”, prenda recebida de dengosa Sinhá em dia de carta do bem-amado distante ou de austero mas generoso Sinhô Velho e ocasião festiva, de súbita euforia, diante de visita importante... (RIBEIRO, 2005, p. 58)

Nesta passagem vemos heranças imateriais da formação desta “Belém de Outrora”. Essas “quatro mestiças meninas”, seriam o resultado de um processo secular de miscigenação e hibridismo étnico racial, definidor da gente “parauara”. De acordo com VIANNA (1904) apud OLIVEIRA (2009): “sob o Império, com o mesmo esplendor dos tempos coloniais, continuam a festa do Divino, no Pará.”, tal assertiva quanto a temporalidade de ocorrência do festejo, ganha força nas palavras de De Campos Ribeiro, afirmando que: “a Coroa do Divino, obra, isso sim, da antiga ourivesaria portuguesa, por aqui rolando seus dois bem puxados séculos”: Segundo VIANNA (1904) apud OLIVEIRA (2009)

Anualmente, a flor da sociedade paraense grupava-se ao redor da coroa imperial, num movimento acelerado de festas; bandos de homens e rapazes percorriam as ruas de Belém, ao som de tambores, pedindo esmolas para as despesas do culto; o Largo da Sé vestia-se de galas: solene procissão, vistosa pelo aparato dos devotos... Em todos os tempos e em todos os lugares, as crianças patenteiam sempre um tendência para a imitação, que as levava a uma coparticipação acentuada nos folguedos e nas festas de seu país. Assim os três rapazinhos faziam anualmente a sua festa do Divino, em família, sem aparatos que a sua pobreza os não permitia. Uma coroa de miriti, encimada por mundo e uma pomba de cera, era depositada em altar modesto, por eles mesmo feito, onde reluziam, à noite, as luzes de algumas velas. (VIANNA (1904, p. 243) apud OLIVEIRA, 2009, p. 203-204).

Pelo excerto, vemos como a cultura imaterial constituída nos diversos ritos e práticas por ocasião da Festa do Divino: “bandos de homens e rapazes percorriam as ruas de Belém, ao som de tambores, pedindo esmolas para as despesas do culto”, ou ainda, “Uma coroa de miriti, encimada por mundo e uma pomba de cera, era depositada em altar modesto”; o que entre outras coisas, acaba demonstrando uma devoção majoritariamente popular, além da musicalidade que tomava como palco as ruas, calçamentos, monumentos, como as ruas da Cidade Velha, e o saudoso “o Largo da Sé vestia-se de galas: solene procissão, vistosa pelo aparato dos devotos”. A coexistência de elementos culturais materiais e imateriais no texto sobre Belém, é em muito identificada nas palavras do autor abaetetubense, já no correr do século XXI, não mais sobre a Festa do Divino, agora, sobre o Círio de Nossa Senhora da Conceição, em “Abaeté do Tocantins”, baixo Tocantins, Pará.

Em “O arraial”, Jorge Machado apresenta um amálgama de elementos constitutivos do imaginário de lendas e crenças dos abaetetubenses. Crenças em visagens e assombrações⁴, que por vezes imbricavam-se numa relação sincrética com os eventos e espaços de compartilhamento do sagrado – a praça, o arraial, a igreja, a banda, as músicas, condicionamentos associados à festividade de Nossa Senhora da Conceição⁵.

Em “Abaeté do Tocantins”, quando chega o mês de novembro as pessoas das “três Abaetés” (núcleo urbano, estrada e sítio)⁶ se encontram para confraternizar os festejos circundantes ao Círio de Nossa Senhora da Conceição; famílias se apressam em aprontar

⁴ “Visagens” e “assombrações” são expressões comuns usadas nos municípios paraenses para referir-se à possíveis aparições de pessoas já falecidas.

⁵ A partir de 1912, o Círio da Imaculada Conceição passou a contar com a participação e organização de clérigos da paróquia local, assim oficialmente reconhece-se o Círio de 2017 como o 105º Círio de Nossa Senhora da Conceição.

⁶ No município de Abaetetuba nota-se a fragmentação e/ou coexistência em seu território de três territorialidades, segundo a acepção de HEIDRICH, para quem territorialidade pode-se inferir a partir das formas culturais das relações de produção, de sociabilidades que uma dada comunidade desenvolve no diálogo com o meio ambiente habitado, assim “por meio do estabelecimento de vínculos, por criações ou invenções humanas, através das práticas sociais, é que se produz território, que se constitui uma territorialidade” (2006, p. 27). Nesse sentido o território de Abaetetuba se conforma no diálogo espacial e social entre três territorialidades: a estrada (área composta por comunidades rurais, marginais às estradas de acesso ao município; e ainda, as comunidades rurais que margeiam as inúmeras estradas vicinais, por aqui conhecidas como ramais); o núcleo urbano (área onde se concentra a maioria da população, com grande circulação de bens e serviços, onde se nota o convívio diário de pessoas habitantes do núcleo urbano, da estrada, das ilhas, e ainda, de outras cidades em constante trânsito social); e das Ilhas (o município conta com uma grande área insular, com diversas comunidades rurais e tradicionais – remanescentes de quilombos; esta área é identificada como Sítio).

roupas, comidas para receber os parentes e amigos que vem da estrada, do sítio e de municípios circunvizinhos. Neste interim, as crianças ficam eufóricas por visitar o arraial, que além de diversões, por vezes, guarda histórias e estórias da “Festa de Conceição em Abaeté do Tocantins”, como a de Nazinha e seus dois amiguinhos que numa noite fria: “quando dobraram o canto da prelazia viram que a praça vazia estava toda iluminada e o arraial funcionando, embora sem viva alma. Parecia um arraial fantasma, com luzes, cheiro, movimento, mas vazio de gente e em completo silêncio” (MACHADO, 2012, p. 82-83).

A rapidez no deslocamento entre a saída na surdina de casa e “quando dobraram o canto da prelazia”, indica que as crianças eram moradoras do centro da cidade, o “encontro” com um arraial iluminado, mas vazio de visitantes, indica um hábito comum na cidade, o recolhimento antes da meia noite em dias de semana, mesmo quando da visita ao arraial.

Àquela paisagem urbana, observada por aqueles jovens de tenra idade naquele início de madrugada, descortinava-os elementos constitutivos da cultura material e imaterial do município, um conjunto de construções e estruturas “sazonalmente” posicionadas, naquele espaço, na memória e tradição daquela gente. Nazinha olhava àquilo e convenciam-se

Na madrugada, o arraial estava ali e era todo seu. A igreja repousava serena e imponente de um lado da praça. Se ela tivesse braços e o estendesse em ângulo, em cada mão estaria um coreto. Entre eles, diante da igreja, mas de costas para ela, uma reprodução do calvário, feita com pedras e um impressionante crucifixo, com o Cristo na mais dolorosa expressão do sofrimento. Ao redor de quatro postes pintados de branco com um Petomax em cima, que era acendido toda noite pelo Seu Vicente Maciel, o mesmo que tocava pratos na banda... Ao redor dos coretos espalhavam-se as barracas do arraial, os bares e os salões. Bem ao lado da igreja estavam fincadas as estacas daquilo que seria o salão paroquial e um tapume isolava a caveira do resto da praça. (MACHADO, 2012, p. 84 - 85)

O “arraial” é um complexo de estruturas que com seus diversos elementos alinham-se a ideia de patrimônio imaterial, pois segundo o IPHAN (2009): “bens culturais imateriais estão relacionados aos conhecimentos enraizados no cotidiano das comunidades... rituais e festas que marcam a vivência coletiva da religiosidade, do entretenimento e de

outras práticas da vida social”. Neste ponto, nos parece pertinente visualizar o arraial da capital, em comparação ao daquele município tocantino

Ao “Mastros” do Umarizal, em verdade, geravam até rivalidades, preferências. Se não chegavam a formação de um Partido Azul e outro Róseo, como as Pastorinhas daqueles idos, iam a formação de torcidas pelos arranjos de arraial, os divertimentos onde possivelmente constaria até um “Carimbó”, na medida, pelas cabrochinhas do funileiro “Caranguejo” da Dois de Dezembro, (a atual Generalíssimo Deodoro) e até a voz e a classe dos atiradores de ladainha... (RIBEIRO, 2005, p. 58).

De Campos Ribeiro suscita a existência de tensões na organização dos festejos, “pelos arranjos do arraial”, e ainda, a musicalidade e culinárias componentes aos “divertimentos”, como: “um “Carimbó”, na medida, pelas cabrochinhas do funileiro “Caranguejo” da Dois de Dezembro, (a atual Generalíssimo Deodoro)”; nos-é possível arriscar que nestes festejos degustava-se dois dos pratos tradicionais da culinária paraense: o tacacá e a maniçoba (comidas típicas da culinária paraense, representativas das reminiscências alimentares indígenas, em contato com os africanos e europeus que visitaram estas terras). Além destas iguarias, outros alimentos preparados com o “cheiro” e “cara” do Pará, pelas ruas de Belém se degustava

No arraial, iluminado a querosene, embandeirado de ponta a ponta, barraquinhas de sorte onde os prêmios (quinhentos réis cada papelinho), não iam além de um “Papai-Mamãe ou de um carrinho de folha que custava duzentos réis na “Torre de Malakof” (onde está hoje a loja “Novo Mundo”). Abundavam os tabuleiros os tabuleiros de tacacá, de caruru, das doceiras, que vendiam por um tostão uma cocadinha ou uma fatia de bolo de macaxeira e por um vintém cada rebuçado no gengibre. (RIBEIRO, 2005, p. 58).

No arraial que se organizava-se por esses idos da capital, similitudes e peculiaridades se via em comparação aos elementos culinários presentes no arraial da gente do baixo Tocantins.

Em “Abaeté do Tocantins”, o arraial compunha-se de: barracas de venda de comidas típicas, como tacacá; maniçoba, pato no tucupi; artefatos religiosos, como: imagens da Santa, as Fitas que comumente amarra-se no pulso, em terços, em imagens que embelezam

as estantes das salas das casas de família, ou mesmo utensílios utilizados como meios de transporte, como: bicicletas, motos, carros, carroças; os brinquedos que montados para divertir o público em geral, mas que enche de alegria os corações da gente da tenra infância: carrossel, roda gigante, entre outros; naquele complexo de usos e costumes destacava-se um dos utensílios mais marcantes na identidade de “Abaeté do Tocantins”: o brinquedo de miriti.

A igreja que “repousava serena e imponente de um lado da praça”, juntamente aos coretos e a “uma reprodução do calvário, feita com pedras e um impressionante crucifixo, com o Cristo na mais dolorosa expressão do sofrimento”, constituem-se em importantes construções componentes ao patrimônio material deste município do baixo Tocantins, pois segundo IPHAN (2009), dentre este tipo de patrimônio estariam “os palpáveis, como o arqueológico e o paisagístico”.

Neste importante complexo de componentes do patrimônio cultural material desta sociedade, assentam-se aspectos situados no âmbito das crenças e imaginários lendários e míticos da cidade, pois: “Ao redor de quatro postes pintados de branco com um Petomax em cima, que era acendido toda noite pelo Seu Vicente Maciel, o mesmo que tocava pratos na banda”. No desenrolar no conto, verifica-se que “Seu Vicente Maciel”, já não estava vivo no momento em que se desenvolve o enredo da narrativa. Uma visitação ao Arraial de Conceição nos círios mais recentes, as conversas e histórias que se ouvem, retratam com certa fidelidade de informação a pretensa presença de Seu Vivente Maciel, no Arraial quando ali se visitara, no avançar das horas da noite.

As estórias e histórias de visagens que vez por outra permeiam o imaginário da gente abaetetubense, reverberando-se numa tradição oral que as gerações vão aprendendo a ter medo e até divertir-se, parece que se apreende desde a tenra idade, como numa cartilha de ABC. O enredo de O Arraial, que apresenta a história de Nazinha e seus dois amiguinhos em visita ao Arraial em uma noite fria, sob a vigilância de sua “vovó”, a aparição de Seu Vicente Maciel, da banda de Música saindo da igreja a tocar, assim como a chegada das crianças em casa adormecendo no colo da Avó, até a partida desta; tudo isso, conforma-se num enredo em que àquelas pessoas já não mais viviam neste mundo, todos foram “sumiram” antes do amanhecer do dia

A vovó enlaçou o braço ofertado pelo cavalheiro e foram descendo a escadaria de mármore da entrada, que encardía a cada passo, como se definhasse e envelhecesse um século.

O casal saiu andando devagar pela rua umedecida na madrugada fria. Rolos de friagem surgiam e desapareciam numa dinâmica morte e ressurreição. E foi como aquela névoa fria que eles desapareceram lentamente no ar.

Na casa as crianças também foram sumindo lentamente. Sumiram devagar também as cortinas, dando lugar a paredes nuas e desbotadas. Sumiram as camas, os lenços perfumados com as ervas do quintas, o armário, os brinquedos. No corredor pareceu de repente que uma tábua estava solta, no forro e o lustre encheu-se de poeira secular. (MACHADO, 2012, p. 92-93).

No desfecho do conto, emerge a história da família de Nazinha, que popularizou-se entre a gente de “Abaeté do Tocantins”, por ocasião da tentativa de venda da casa por um dedicado corretor, a possível compradora suscita a história daquela família

- Senhor Pontes, a cozinheira do Hotel, dona Maria, me contou ontem uma história lamentável, de como a gripe exterminou a família que morava nesta casa...

- Oh... – disse o corretor meio constrangido, gesticulando muito – mas como as histórias vão longe... Bem, uma certa fantasia em torno de um episódio lamentável... Durante a epidemia de gripe essa família foi duramente atingida. Ao cabo de poucos meses, a avó, duas crianças, a mãe e o pai sucumbiram pela gripe espanhola. Os empregados fugiram e sobreviveram, mas a família inteira foi extinta na ocasião... fez 10 anos do acontecido.

A Gripe Espanhola que vitimara a citada família fora uma constante em “Abaeté do Tocantins” pelos idos de 1918⁷, as “aparições” de visagens e assombrações também; notamos neste ponto, que os traços culturais materiais e imateriais retratados neste conto de Jorge Machado, conformam-se em vivenciais concretas baseadas em histórias vividas e estórias preservadas na memória, mas, também vividas, como enunciou àquele corretor:

⁷ Segundo ROCHA (2015) a gripe espanhola acometera Abaetetuba no ano de 1918, reconstituindo a genealogia das famílias da cidade, este enuncia: “Dr. Abreu Dr. Lindolpho Cavalcante de Abreu/Dr. Abreu Médico sanitaria baiano da cidade de Remanso, humanitário em sua função de médico, inspetor sanitário, pesquisador de doenças tropicais, sífilis e doenças de mulheres e crianças, citado em 1904, fabricante de seus próprios remédios e poções e que trabalhou incansavelmente nos surtos e epidemias de febre amarela, cólera malária, varíola e gripe espanhola (esta em 1918) em Abaeté”. Disponível em: <<http://ademirhelenorocha.blogspot.com.br/2015/12/familias-matriz-genealogica.html>>

“Oh... – disse o corretor meio constrangido, gesticulando muito – mas como as histórias vão longe”, aproximando-se da premissa de que

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1990, p. 423).

Tratar-se-á da preservação da memória, tradição, da invenção das tradições, assim enunciada por HOBSBAWN (2015)

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWN, 2015, p. 8).

Acerca da invenção das tradições, De Campos Ribeiro estabelece importante comparação as diferentes formas pelas quais a Festa do Divino foi sendo reproduzida e ritualizada em locais distintos, mas com um apelo à tradição, ao passado

“As festas do Divino no Pará, diga-se de passagem, nunca se revestiram do esplendor, da pompa característica ainda em uso no Maranhão, de onde se trasladaram com outras manifestações folclóricas. Não incluem, por isso, na sua organização, sua ritualística, a figura principal do “Imperador” (ou da Imperatriz), eleitos entre a gente grande do lugar e sagrados com Manto e Coroa pela Bandeira do Santo... a “Marujada” bragantina conserva algo semelhante, na sua “Capitôa”, que é vitalícia mas cuja substituição também se processa numa escolha onde tem peso significativo a voz da bicentenária Irmandade de São Benedito” (RIBEIRO, 2005, p. 59).

As construções permanentes (igrejas, ruas e praças) fundem-se às sazonalmente instaladas e simbolicamente ritualizadas pelos populares (mastros de santos, o arraial, as comidas típicas, etc.), numa simbiose de sagrado e profano. Este fecundo “observatório” da cultura paraense, ricamente adornado nas páginas/memórias destes dois autores “resume-se” em um importante elemento da memória, tradição, cultura da gente da capital paraense, em

constante diálogo cultural com o povo do baixo Tocantins, com suas similitudes e peculiaridades, jamais fragmentadas, ainda que em épocas diferentes, em espaços distintos, guardam muito do que se convencionou chamar de *caboclo amazônico*, ocupante/advindo das ilhas, campo e cidades da região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de dois textos insertos em obras que primam pela preservação da cultura e tradições regionais em suas páginas, nos pareceu extremamente fecunda como forma de conhecer a catalogação destes aspectos da cultura local, paraense, amazônica, da cidade e do campo, por meio do recurso à produção literária local; pois, muitos dos aspectos supracitados presentes nos textos, e, por nós analisados, se fazem presentes na vivência e compartilhamento de histórias e estórias por meio da transmissão oral, sendo pouco conhecidas as obras literárias locais, em nível nacional, e mesmo entre os “parauaras”.

Outro importante condicionamento, soerguido neste trabalho de pesquisa, em muito fomentado pelas premissas de QUEIROZ & PRESSLER (2016), acerca da existência de uma “literatura regional marginal”, que apresenta-se como uma importante fonte de pesquisa, mas que acaba invisibilizada, inclusive pelos cânones acadêmicos, pelo “culto” às produções “nacionais” dos grandes centros político e econômicos que se referenciam como “grandes capitais literárias”. A discussão é ampla, mas diante da constatação de que esta “literatura regional marginal”, é majoritariamente preterida pelos “centros acadêmicos”, pouco conhecida e/ou divulgada nos meios sociais, e ainda, nas próprias Matrizes Curriculares Nacionais - ver BNCC (2017), não são objeto de destaque, nos parece que estudos como o que por agora empreendemos, tem sido uma demanda de resistência de uma literatura pós colonial, já destacada há muito por SPIVAK (2010), aqui emergida contra um “colonialismo regionalista”.

O empreendimento desta pesquisa introdutória nos chamou a atenção para as possibilidades analíticas com base na produção literária regional, esta como elemento de preservação do patrimônio cultural material e imaterial das sociedades; o recurso a literatura comparada como fator de identificação de mudanças e reminiscências, similitudes e especificidades entre sociedades e épocas distintas; e ainda, as possibilidades em pesquisas

futuras da elaboração de propostas didáticas de inserção da literatura regional nos currículos escolares, nas diversas áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especificidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin, (1886-1944). **Apologia da História, ou, O ofício de Historiador**. Prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura: Algumas Considerações**. Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, junho/ 2010. p. 94-109.

BRASIL, Ministério da Educação. **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR**. Dezembro, 2017.

BRASIL. **Conheça as Diferenças Entre Patrimônio Material e Imaterial**. Disponível em:<<http://www.brasil.gov.br/cultura/2009>>. Acesso em 20. 01. 2018.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 2006.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Os novos e o centenário: arte, literatura e efeméride no Pará dos anos 20. **Revista Estudos Amazônicos**, Vol. III, nº 2, 2008, p. 165-183.

HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence (orgs.) **A Invenção das Tradições**. 10ª edição – São Paulo, Paz e Terra, 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

MACHADO, Jorge. O Arraial. IN: **Mater Puríssima: histórias da festa de Conceição em Abaeté do Tocantins**. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, 2014. p. 77 – 96.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. **Antropologia da Religião**. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.ucb.br/sites/000/14/PDF/antropologiadareligiao.pdf&ved=2ahUKEwjz8vKox_rYAhWFjpAKHR9pAi0QFjABegQIBxAB&usq=AOvVaw31UyPx3F9xSnjJgbYYumXe>. Acesso em: 26. 05. 2018.

OLIVEIRA, Ysmaille Ferreira de. “Divinu” Performance: O Corpo na Festa do Divino Espírito Santo no Século XIX, no Pará e suas Imbricações com a Performance e a Cultura. **ENSAIO GERAL**, Belém, v1, n.2, jul/dez 2009.

QUEIROZ, José Francisco da Silva & PRESSLER, Gunter Karl. A Associação dos Novos e Imprensa de Belém a Serviço da Invenção do Modernismo Paraense. **Anais da XV ABRALIC**, 2016. p. 808 – 815.

RIBEIRO, De Campos. Mastros Votivos de Outrora. IN: **Gostosa Belém de Outrora**. Belém: SECULT, 2005. p. 57-61.

ROCHA, Ademir. **Famílias A - Matriz Genealógica Abaetetubense**. 2015. Disponível em: <<http://ademirhelenorocha.blogspot.com.br/2015/12/familias-matriz-genealogica.html>>. Acesso em: 25. 01. 2018.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno falar?** Belo Horizonte, UFMG, 2010.

Submetido à publicação em 05 de julho de 2018

Aprovado em 12 de agosto de 2018